

UMA VISITA DO PASSADO

Quando a gente pensa que o passado está sepultado, aparece alguém remexendo e descobre coisas que muitos queriam enterrado pra sempre. É o que acontece sempre em filmes e mesmo na incipiente e pouco apreciada arqueologia das cidades brasileiras. Com seus 201 anos de elevação a vila, a velha Franca do Imperador dá sempre a impressão que não vamos encontrar mais nada até que aparece do nada uma foto, um documento, uma informação que permite descobrir novidades. Foi o que aconteceu comigo ao caminhar pelas ruas centrais e dar de cara com os restos de um antigo muro de taipa, que ainda existiam em abundância na minha infância, mas desapareceram quase totalmente.

Dia desses, não sei por qual motivo, talvez por ter procurado coisas sobre Tocantins quando fiz uma viagem ao Jalapão, apareceu em minha timeline a descrição de um livro escrito por um político paulista alçado à condição de governador de Goiás ainda nos tempos do Império, era um desses relatos de viagem de São Paulo a Goiás Velho, então capital do estado. Pensei: talvez esse sujeito tenha passado por Franca, o caminho era esse, do “Bello Sertam da Estrada dos Goyazes”. Não é que dei sorte?

Encontrei o livro escrito por Joaquim de Almeida Leite Moraes – “Apontamentos de Viagem – de São Paulo à capital de Goyaz”, escrito em 1882, um ex-libris da biblioteca de José Mindlin disponível na biblioteca da USP. Moraes havia sido nomeado governador de Goiás pelo Império para implementar uma reforma eleitoral. Fez a longa viagem saindo de São Paulo por trem da São Paulo Railway no dia 27 de dezembro de 1880, indo até Campinas. Dali, trocou pela ferrovia Mogiana até Mogi-Mirim e depois Casa Branca, onde ela terminava então. Daí para a frente, foi a cavalo passando por Cajuru, Batatais, Franca, Uberaba, até chegar a Goiás Velho em 31 de janeiro de 1881. Além dos aspectos incríveis e dificuldades de uma viagem do tipo naquele tempo, chamou-me a atenção sua parada na velha Franca do Imperador, onde chegou e ficou dois dias para descansar e seguir em frente. Extraio excerto de seu relato:

“Atravessámos o rio Sapucahy, que mede de altura 8,50m; ahi pagámos *barreira* a um particular que construiu a ponte por ordem do governo, e, como não fosse pago, cobrava-se por suas próprias mãos, e *legislava com a garrucha engatilhada*, cobrando do passageiro o imposto de trânsito á sua vontade! Sempre são cousas deste paiz!

À uma e meia hora da tarde, após seis léguas de jornada, chegámos á bella cidade da Franca, que está a 325m acima de Casa-Branca, situada numa colina bordada de magníficos campos; e, recebidos pelo nosso distincto e prestimoso amigo o coronel F. Barbosa Lima, em sua casa fomos agasalhados. A Franca é uma cidade antiga, mas de agradável perspectiva, e a maior que encontramos depois de Campinas.

Visitei a cidade, percorrendo as suas principaes ruas e observando os seus melhores edificios; fui á cadeia, onde encontrei uma ré pronunciada na cidade de Catalão, província de Goyaz, que ahi se achava presa a dous annos mais ou menos, sem julgamento, não obstante as reiteradas reclamações do juiz de direito da comarca, para que a mandassem conduzir para o foro do seu delito! Ouvi-a sobre a história do seu processo, tomei os meus apontamentos para providenciar como fosse de direito assim que assumisse a presidência de Goyaz”.

Vejam só, aprendi que muito antes dos tucanos e do Tarcínico com suas privatizações selvagens, onde de dia falta água, de noite falta luz, para chegar a Franca já era necessário pagar pedágio para usar uma ponte. Se a moda pega, Xandão logo vai querer cobrar para usar o viaduto dona Kita.

Mauro Ferreira é arquiteto